



## SÓ PODIA SER DE PERNAMBUCO: DA ESTEREOTIPIA À RESISTÊNCIA NO ESPAÇO DIGITAL<sup>1</sup>

### IT COULD ONLY BE FROM PERNAMBUCO: FROM STEREOTYPE TO RESISTANCE IN THE DIGITAL SPACE

João Victor da Silva CARVALHO<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta abordagem, filiada ao campo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD), reflete sobre questões relacionadas aos movimentos de (des)identificação com os discursos que os atravessam, interpelam e constituem nossas práticas sociais, especialmente àquelas que ocorrem nos espaços digitais das redes sociais. À guisa do que nos ensinam Michel Pêcheux e Eni Orlandi, buscamos compreender os efeitos de sentido atravessados no tuíte-enunciado “Só podia ser de Pernambuco” e para tal, articulamos, em nosso horizonte teórico-analítico: os movimentos de identificação e a inscrição do sujeito na formação discursiva (FD) da *Pernambucanidade* nos/pelos funcionamentos de paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2015) e a relação entre repetir/deslocar que se estabelece com as formações imaginárias sobre o pernambucano e a memória discursiva. A partir dessas considerações teóricas, nosso *corpus* está estruturado em sequências discursivas (SDs) que se (des)organizam em torno da heterogeneidade do discurso da *pernambucanidade* e que abrem as identificações para o diferente, o não homogêneo, a contracultura, o equívoco e periférico que está em pleno confronto com regiões estabilizadas e privilegiadas de saber. Assim, os gestos de leitura apresentados dão a ver que o sujeito-navegador toma

<sup>1</sup> O artigo mobiliza o material e as análises produzidas na Pesquisa de Iniciação Científica “Tinha de ser de Pernambuco: discurso e resistência nas redes sociais” realizada de Julho de 2019 a Agosto de 2020, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV) do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A pesquisa foi generosamente indicada pelo Comitê de Pesquisa da UFPE ao Prêmio Destaque de Iniciação Científica do CNPq, no ano de 2020, na área de Humanidades, Letras e Educação.

<sup>2</sup> UFPE.



posição com a emergência de sentidos erráticos, dissonantes da hegemonia, filiando-se aos dizeres da *pernambucanidade* como forma de resistência à estereotipia.

**Palavras-chave:** Discurso de Estereotipia; Pernambucanidade; Resistência; Análise do Discurso.

**Resumê:** Cette approche, affiliée au champ théorique-méthodologique de l'Analyse du discours (AD), réfléchit sur les questions liées aux mouvements de (dé)identification avec les discours qui traversent, interpellent et constituent nos pratiques sociales, en particulier celles qui se produisent dans les espaces numériques. des médias sociaux. Dans la lignée de ce que Michel Pêcheux et Eni Orlandi nous enseignent, nous cherchons à comprendre les effets de sens traversés dans le tweet énoncé « Só pode ser de Pernambuco » et pour cela, nous articulons, dans notre horizon théorique-analytique : les mouvements de identification et inscription du sujet dans la formation discursive (FD) de *Pernambucanidade* dans/par le fonctionnement de la paraphrase et de la polysémie (ORLANDI, 2015) et la relation entre répétition/déplacement qui s'établit avec les formations imaginaires sur le Pernambouc et la mémoire discursive. Partant de ces considérations théoriques, notre corpus est structuré en séquences discursives (SD) qui se (dés)organisent autour de l'hétérogénéité du discours de *Pernambucanidade* et qui ouvrent des identifications pour le différent, l'inhomogène, la contre-culture, l'incompréhension et la périphérique, qui est en pleine confrontation avec des régions stabilisées et privilégiées du savoir. Ainsi, les gestes de lecture présentés montrent que le sujet-navigateur prend position avec l'émergence de significations erratiques, dissonantes de l'hégémonie, s'affiliant aux dires de Pernambouc comme une forme de résistance aux stéréotypes.

**Mots clés:** Discours stéréotypé; *Pernambucanidade*; Résistance; Analyse du Discours.

## Introdução

Para o campo da Análise de Discurso (AD) de vertente materialista, o discurso se enlaça na ordem social através de um movimento contínuo e ilimitado entre



*Estrutura e Acontecimento*. No dizer de Michel Pêcheux, “O discurso é o ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória” (2015, p. 16), e ao nos falar sobre esse entrelaçamento, o autor não nos deixa esquecer que toda prática de linguagem tem uma *historicidade* e que seus efeitos são de ordem material. Memória e atualidade provocam no(s) sujeito(s), modos de filiação à redes de sentido historicamente determinadas que se corporificam nas mais diversas formulações. Nesta esteira de reflexão fomos instados a questionar sobre os sentidos (re)convocados pela circulação tuíte-enunciado<sup>3</sup> “Só podia ser de Pernambuco”, ligada às seguintes circunstâncias: Em Dezembro de 2018, o recém eleito deputado federal Alexandre Frota interage com seus seguidores e publica<sup>4</sup>: “O Twitter é a rede que mais tem professores, estudiosos, cientistas e lacradores culturais”. Em resposta<sup>5</sup>, um dos seguidores posta: “Também tem ator pornô que não paga a pensão do filho”. Em tréplica, Frota comenta: “só podia ser de Pernambuco”.

A partir das questões acima expressas, nossa abordagem busca compreender os modos de discursivização sobre o sujeito pernambucano no espaço digital das redes sociais, a partir de uma visada materialista dos processos discursivos. De forma que os gestos de teorização e análises do conjunto de materiais se organizam da seguinte forma: o primeiro tópico aborda o modo como temos pensado a *pernambucanidade* discursivamente; o segundo ocupa-se dos gestos de descrição e interpretação do *corpus*, estruturado em sequências discursivas (SDs) que se (des)organizam em torno da heterogeneidade do discurso da pernambucanidade; ao passo que (re)apresentamos ao leitor as algumas noções caras ao campo dos estudos discursivos que se mostraram e, por fim, apresentamos algumas conclusões esboçadas no percurso de análise, as quais giram em torno da nossa compreensão sobre o modo como que um enunciado não se realiza apenas como unidade figurativa da linguagem; do contrário, é sempre na/pela

<sup>3</sup>Esta expressão representa, de nossa posição teórica, o modo como ao mesmo tempo uma formulação linguística tem propriedades tecnológicas, pelo modo particular de enunciação na rede social Twitter, e um carácter des-organizador do *corpus* de pesquisa, movendo outros enunciados por entre as frestas de uma formação discursiva dada.

<sup>4</sup>A publicação remete às críticas sofridas pelo ex-ator de filmes pornográficos a sua defesa ferrenha a candidatura, projeto de governo e posições sustentadas pelo candidato Jair Messias Bolsonaro na campanha eleitoral de 2018.

<sup>5</sup>A resposta lançada pelo seguidor retoma a condenação do deputado pela Justiça por não pagar a pensão alimentícia do filho que moveu contra o pai uma ação judicial, deferida em outubro de 2018.



língua, nas diferentes e inúmeras possibilidades de dizer de outro modo que o sujeito da pernambucanidade resiste à estereotipia.

### Um breve percurso sobre a *Pernambucanidade*

Parafraseando as palavras de Albuquerque Jr. (2009), basta ligarmos a TV para presenciarmos discursivizações singulares sobre o nordestino: a fome que assola o sertão, o êxodo de milhares de sertanejos para o litoral em busca de uma vida melhor, os grandes índices de analfabetismo, as praias e o turismo barato. Imagens que povoam o imaginário sobre o Nordeste e sobre ser nordestino (e no que nos afeta particularmente, o imaginário sobre Pernambuco e sobre ser pernambucano) e que de algum modo se sobrepõem umas às outras nos processos discursivos aos quais nos ateremos posteriormente.

Dessa maneira, o Pernambuco sobre o qual nos debruçamos não necessariamente condiz com os limites históricos, geográficos e econômicos que o delineiam; não rejeitamos tais delimitações, do contrário: as perguntas que nos movem são feitas de *um outro lugar*, uma vez que também somos atravessados por estas concepções já estabelecidas sobre o que é ser pernambucano. Entretanto, como nos ensina Orlandi (2012), é preciso questionar, buscar compreender e romper (em certa medida) o funcionamento de evidências ideológicas que assentam esses limites. Do ponto de vista aqui adotado, observamos o funcionamento, no imaginário social, de duas formações ideológicas (PÊCHEUX, 2014) que, numa relação dissimétrica de antagonismo/imbricamento<sup>6</sup> atuam na regularização dos processos de produção dos *discursos sobre*<sup>7</sup> ser pernambucano, atrelando-lhes um certo conjunto de saberes e evidências: a *formação ideológica do sertão (FIS)* e a *formação ideológica da zona da mata (FIZm)*.

<sup>6</sup> Pêcheux (2014, p.131) nos diz a respeito das relações estabelecidas entre as formações ideológicas, que “a ideologia da classe dominante não se torna dominante pela graça do céu”, nem tão pouco os Aparelhos Ideológicos de Estado são desde sempre reprodutores dessa ideologia; tais aparelhos são lugar material da “dura e ininterrupta luta de classes. Daí o caráter simultâneo e contraditório de reprodução/transformação do discurso”.

<sup>7</sup> Retornaremos à questão do discurso sobre no tópico seguinte.



De um lado, a *Formação Ideológica do Sertão* constrói-se na ideia do “sertão nordestino como um monopólio de sentidos” (ALVES, 2019). Fazendo eco a tese de Albuquerque Jr. (2009) sobre a invenção do Nordeste enquanto construto discursivo, Alves afirma que durante as décadas de 1930 e 1970, embora outros houvesse outros espaços rurais, foi o sertão nordestino que se consolidou como uma grande força simbólica. Neste ensejo, “Tal monopólio de sentido somente se tornou possível em meio à modernização cultural brasileira, processo que corresponde à integração de dispositivos tecnológicos e industriais, como o cinema, o rádio, o disco e a televisão”. (ALVES, 2019, p. 67). Assim, com aumento de novas formas de produção, circulação e consumo de linguagens artístico-culturais, a literatura, o cinema, a música popular e as telenovelas passam a construir sentidos sobre ser pernambucano), atrelando sua imagem aos estereótipos produzidos: da fome, da violência, da resistência, da criação artístico-popular e da ludicidade.

Por outro lado, a *Formação Ideológica da Zona da Mata* se sustenta na perspectiva de um Pernambuco próspero e açucareiro, assentando-se principalmente no discurso de Gilberto Freyre. Para tal autor, antes de tudo, o Movimento Regionalista tem relação com o sentido de regionalidade acima do de pernambucanidade, do resgate de valores regionais e tradicionais, posto que

Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter. Vários dos seus valores regionais tornaram-se nacionais depois de impostos aos outros brasileiros, menos pela superioridade econômica que o açúcar deu ao Nordeste durante mais de um século do que pela sedução moral e pela fascinação estética dos mesmos valores (FREYRE, 1996, p. 3).

A grande questão formulada por Freyre frente a retórica estrangeira do federalismo está justamente alicerçada nesses bens culturais, artísticos, gastronômicos, arquitetônicos, urbanísticos etc. que os nordestinos deixaram como legado para o Brasil. E não somente, advoga ainda que a administração nacional deve ser pensada como regiões, pois é assim de fato que este país se constitui. Na esteira discursiva, pensar Pernambuco, o discurso *sobre* os pernambucanos, a *pernambucanidade* como processos discursivos sempre em acontecimento, como dizeres que constituem e são constituídos



no/pelo no imaginário social, nos faz tomar posição pelo entremeio, uma posição que se faz justamente pela escuta

[...] da língua como um real específico, formando o espaço contraditório dos desdobramentos das discursividades e unidades de análise de diferentes materialidades significantes; na posição de estar no meio dos sentidos ou na unicidade/objetividade obrigada das informações (ORLANDI, 2017, p. 11).

Colocar-se no entremeio dos dizeres sobre Pernambuco, é estar atento ao espaço contraditório em que os discursos são formulados, é não homogeneizar e sim deixar emergir das materialidades e pelos gestos de interpretação a diferença, o dissonante. Estar no meio, numa posição dividida por diferentes memórias e saberes que se entrelaçam nos permite compreender como o político constrói e atua sobre o imaginário. Em nosso caso, pensamos Pernambuco como construto discursivo justamente no entremeio, no imbricamento entre o sertão árido e a zona da mata açucareira.

Em consonância com as reflexões acima mencionadas, insistimos na lição orlandiana de que todo discurso (e a teoria que o torna objeto) precisa ser pensado sempre *em relação à* (ORLANDI, 2015). Assim, temos pensado a *pernambucanidade* discursivamente como o espaço aberto, fluido e movediço em que o sujeito pernambucano se filia para significar, em certas condições de produção. Trabalhando a relação entre a *memória* que repete/desloca o caráter burgo-aristocrata da Revolução de 1817 para outros sítios de significação. Esta relação tensa e conflituosa deixa ver o modo como o discurso da “pernambucanidade” se situa no interior de um projeto de Estado que define e centraliza a identidade cultural dos pernambucanos. O processo de identificação do sujeito com o imaginário perpetuado pelo discurso da pernambucanidade – o herói nacional, bairrista e descendente dos revolucionários franceses – esbarra naquilo que não se pode contornar, apesar do caráter coercitivo e oficial com que o projeto se constitui historicamente<sup>8</sup>, há um entrecruzar de outras posições e sentidos que aí intervêm, percursos desviantes, arbitrários, erráticos, como o sentido e o sujeito, como coloca Orlandi (2012).

---

<sup>8</sup> Em Carvalho (2020) foi dada ênfase a este processo de constituição histórica ao analisarmos o discurso jornalístico do especial “Pernambuco, História e Personagens”, lançado em 2017 pelo *Diário de Pernambuco* em comemoração ao bicentenário da Revolução Pernambucana (1817).



Nesta visada, temos trabalhado a *pernambucanidade* pelo viés da Formação Discursiva (FD) observando, no plano teórico, como em seu interior é regulado “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2014a) na medida em que num sistema cultural a marca ideológica (a identificação com um discurso, por assim dizer) confere ao sujeito a evidência da autonomia, a ilusão de que suas palavras são originais e que os sentidos lhe pertencem. Ao tomar este caminho reflexivo, podemos evidenciar, no plano analítico, não apenas os sentidos já cristalizados, mas também as derivas que se instauram. Em outras palavras, para compreender a forma como a “pernambucanidade” atravessa as materialidades em análise, precisamos pensar além da repetição e legitimação dos sentidos; precisamos pensar nos pontos de fuga (ORLANDI, 2012), nos lugares outros de significação evocados nas/pelas discursividades. Desse modo, pensamos a “pernambucanidade” na relação com uma memória que é (re)produzida pela mídia tradicional e que reúne elementos culturais, simbólicos e históricos na construção de uma identidade pernambucana; um sentimento de pertencimento a nação que tem se baseado na escrita de uma narrativa assentada em um passado longínquo a ser rememorado por suas glórias, nos ícones nacionais que modelam e planificam as personalidades (HALL, 2006) e nas imagens que se sustentam “na universalidade moral do sujeito jurídico [...] sendo uma das condições de funcionamento e de realização da Ideologia” (PÊCHEUX, 2014a, p. 145).

### **Lugares de dizer e estereotipia**

Após essa contextualização, propomos um primeiro gesto de análise sobre o enunciado “só podia ser de Pernambuco” em seu momento de realização primeira, em resposta dada a internauta pelo recém-eleito deputado Alexandre Frota. Partimos, neste momento inicial de análise do que nos propõe Zoppi-Fontana (1999) sobre a noção de *lugar de enunciação*:

Uma reflexão sobre a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade (p. 16).

[...] lugar de enunciação (e sua eficácia ideológica) no quadro teórico da figura da interpelação ideológica, considerando o processo de





constituição do sujeito do discurso nas relações de identificação estabelecidas com a forma-sujeito e as posições de sujeito definidas nas FD que o afetam (p. 18).

Ao tomarmos a noção acima explicitada em nosso dispositivo teórico-analítico podemos avançar na compreensão sobre os efeitos de sentido do enunciado-tuíte de Frota, haja vista que há um jogo de posições (e podemos acrescentar, de forças históricas) que subjazem na *representação* dos sujeitos nos processos discursivos. Assim, nesse jogo de posições vemos em funcionamento *as formações imaginárias* (PÊCHEUX, 2010), mas também, os lugares enunciativos, que constituem o sujeito, duplamente afetado pela ideologia e pelo inconsciente, nos mais diversos modos de dizer.

A partir destas considerações, apresentamos o primeiro recorte:

só podia ser de Pernambuco

— Alexandre Frota 🍷🍷🍷🍷🍷🍷 (@alefrotabrasil) 26 de dezembro de 2018

**Figura 1:** enunciado-tuíte “só podia ser de Pernambuco”

**Fonte:** twitter @alefrotabrasil

Seguindo este fio reflexivo, podemos dizer que o dizer de Alexandre Frota está apoiado no lugar social de *Candidato Político*, o que retoma a figura do porta-voz (ZOPPI-FONTANA, 1997), produzindo efeitos de *legitimidade* sustentados pelo poder social que institui nesta posição discursiva um trabalho de divisão social intermediada pelo Estado. Perguntamos: em nossa formação social, qual imagem que um candidato político tem de um eleitor? Recuperamos as ideias desenvolvidas por Bobbio (2011), no que diz respeito a *proximidade entre o candidato e o eleitor que atuam na construção do ideal de representação do sistema democrático*, para explicitar o modo como se produz um *efeito de identificação* que funciona pelo esvaziamento do interesse na promoção do debate público, para dar lugar à falas publicizadas que esbanjam escárnio, inverdades e ataques contra seus opositores de palanque, mas também contra os usuários que não se identificam à posição ora expressa pelo perfil do





candidato. Neste ensejo, o Twitter, enquanto um espaço enunciativo informatizado<sup>9</sup> (GALLO, 2018), configura-se como um *locus* privilegiado na formulação/circulação de textualidades que deixam emergir (de modo mais ou menos explícito) essas falas.

Propomos então a construção da seguinte rede parafrástica:

- (1) “só podia ser de *Pernambuco*;
- (2) “só podia ser baiano”;
- (3) “só podia ser paraíba”.

Adiantamos ao leitor que a construção desta família de enunciados não tem por objetivo produzir um efeito de homogeneidade, de diluição das marcas e singularidades culturais e linguísticas característicos de cada estado do Nordeste Brasileiro. Propomos aqui um olhar sobre a formulação, buscando evidenciar os mecanismos que funcionam na produção de um *discurso sobre*, que nas palavras de Orlandi

São uma das formas cruciais de institucionalização dos sentidos. É no discurso sobre que se trabalha o conceito de polifônia. Ou seja, o discurso sobre é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos de). [...] São formas de arrigimentação (interpretação) dos sentidos que organizam, disciplinam e reduzem a memória (ORLANDI, 2008, p. 44).

O *discurso sobre*, é chancelado pelo lugar enunciativo de *candidato político*, que linguisticamente predica sobre o sujeito, estrategicamente elidido. O predicativo, marcado no fio do discurso pelo “*só*”, incide sobre o sujeito [discursivo] como uma pistola bem engatilhada, um engendramento de dispositivos pronto para ferir, disparado sem piedade, lacerante, funciona isolando, reprimindo possibilidades outras. Esse sujeito, no imaginário de quem enuncia, é apenas isso: *Pernambucano*. Para lhe dizer de tal maneira, apenas um pernambucano o faria. Dessa forma, chegamos ao entendimento de que esta é uma relação resultante da inscrição dos sentidos na história, sendo intermitentemente forjada nas disparidades de poder que constituem as práticas sociais. A guisa deste gesto analítico, tomamos o que nos diz Albuquerque Jr. (2009) sobre a *estereotipia*:

[...] O discurso de estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é

<sup>9</sup> No próximo tópico, teremos oportunidade para esboçar algumas considerações sobre a relação entre discurso e espaço digital, a partir da proposta da AD pecheuxtiana.



fruto de uma voz segura e auto suficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009. p. 30).

O enunciado-tuíte posto em circulação pelo perfil de Frota na rede ganha corpo e sentido por retomar dizeres que atuam na produção/arraigamento dos estereótipos do sujeito nordestino lido pela miserabilidade e inferioridade que lhe é marcada no discurso hegemônico: homens e mulheres refugiados da seca, com baixo grau de escolarização, que se submetem a subempregos por não terem formação – nem capacidade cognitiva – de estar em posições de prestígio social, reféns da sede e da fome, comedores de farinha. Nessa medida, no intradiscursos, *Pernambucanos*, *Nordestinos*, *Paraíba*s, *Baianos*, *Cearenses*, *Potiguares*, *Maranhenses* e *Alagoanos* são todos sinônimos e, nesse processo discursivo, por efeito metafórico<sup>10</sup>, são intercambiáveis. São dizeres fazem circular apenas os alarmantes índices de fome e analfabetismo, o desemprego e subemprego, os gastos com usuários das assistências governamentais; É pelas repetição que a memória se cristaliza, como postula Courtine (2014), logo sempre haverá uma notícia da falta de chuva ou uma novela com uma personagem figurante empregada de sotaque arrastado, ou uma protagonista retirante que foge de todos os males para reconstruir a vida nos arranha-céus, para que se mantenha viva a evidência que naturaliza a estereotipia à condições de vida precárias das quais, pelo atravessamento do determinismo enquanto corrente sociológica, muitos são fadados a viver.

### **Espaço Digital, *Pernambucanidade(s)* e famílias parafrásticas**

Em nossa segunda entrada analítica, nos debruçamos sobre os desdobramentos em/na rede que fazem emergir a *deriva* para outros sítios de significação. Inscrições do sujeito na/pela materialidade digital que produzem um espaço que consideramos de (re)significação de dizeres e saberes, advindos de um outro lugar de identificação que se

<sup>10</sup> Em Pêcheux (2014), tomamos como metáfora “o processo sócio-histórico que fundamenta a apresentação dos objetos aos sujeitos” (PÊCHEUX, 2014, p. 123).



textualiza em comentários do Facebook pelos exercícios de paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2015).

Pensar o funcionamento das discursividades do digital e modo como são constituídos sujeitos/sentidos em seus funcionamentos, a partir do dispositivo da AD materialista, compreende movimentos teórico-metodológicos que não desconsideram o político, como divisão dos sentidos, e o ideológico, como produção de evidências. Nesta perspectiva delinea-se que, para pensar no digital

É preciso compreender sua exterioridade constitutiva, as relações e os meios de produção capitalista, os processos da constituição de sentidos e suas condições de produção, mas também a formulação e a circulação desse discurso (DIAS, 2018, p. 27).

Nessa direção, compreende-se que o digital como objeto de análise é pensado em suas dimensões de constituição, formulação e circulação (ORLANDI, 2012; DIAS, 2018) deixando à mostra as relações de *escrituração* (DIAS, 2011) que enlaçam o sujeito nas práticas determinadas por espaços de dizer que se estruturam em suas formas próprias de textualização: número máximo e tipologias de caracteres, o convívio entre texto, imagem e som nos mais diversos formatos, as formas de inter(a)ção que são comandos próprios (reações diversas) da plataforma dentre outras características nos fazem afirmar que o digital não é apenas o suporte para outras mídias, mas sim uma ordem própria em seus domínios técnico, linguístico/languageiro e discursivo. Em suma, sublinhamos que para produzirmos gestos de descrição e interpretação da materialidade digital e a complexidade imbricada na constituição, formulação e circulação dos discursos que se atravessam nessas materialidades, é preciso tomar o espaço das redes sociais não como componente secundário que espelha as relações de força/poder de nossa formação social, mas como parte integradora da construção dos dizeres e do sujeito no mundo contemporâneo.

Partindo desta guinada teórica, propomos movimentos analíticos que se debruçam sobre uma publicação posta em circulação no Facebook em 27 de Dezembro de 2018. Apresentamos, a seguir, um gesto que almeja descrever o modo de funcionamento do discurso nesta materialidade:



**Figura 2:** Captura de tela da publicação do Diário de Pernambuco  
**Fonte:** Facebook do Diário de Pernambuco.

A partir deste recorte podemos refletir sobre a publicação do Diário de Pernambuco (DP), que faz emergir na rede eletrônica efeitos sobre os sujeitos-navegadores, convocando-os à interpretação. Podemos afirmar que não se trata de uma publicação que põe em circulação somente a estereotipia do tuíte de Alexandre Frota<sup>11</sup>, como em notícias e reportagens, mas de uma tomada de posição marcada pelo *discurso da Pernambucanidade*. Inicialmente fomos levados pelo nosso olhar para o primeiro quadro do vídeo, em que há um deslocamento de “só podia ser de Pernambuco” para “só podia ser **mesmo** de Pernambuco”. Para Pêcheux (2014a), o sentido das palavras e dos enunciados muda a partir das formações discursivas em jogo; assim, o pronome demonstrativo *mesmo* faz mover os sentidos na formulação, indicando esta passagem de uma FD a outra. A relação sintática agora potencializa semanticamente a expressão, que também é título da poesia de Fabrício Carpinejar, escrita como forma de repúdio e protesto à fala marcada de Frota. Ao tomar a poesia de Carpinejar, o Diário de Pernambuco (re)produz uma posição antagônica que discursiviza o sujeito de um outro

<sup>11</sup> Tivemos oportunidade de apresentar, no IX Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), realizado em Outubro de 2019, no Recife, algumas leituras primeiras sobre os funcionamentos discursivos das notícias que discursivizaram tanto sobre o tuíte de Frota e também sobre o pedido de interpelação judicial feito pelo também deputado Túlio Gadelha (PDT).



modo, como poderemos observar na sequência. Entretanto, na legenda que acompanha o vídeo esta tomada de posição aparece de modo mais tenso:

*O poeta, jornalista e escritor, Fabrício Carpinejar, se manifestou em texto contra o comentário do deputado Alexandre Frota em que se refere a Pernambuco de maneira pejorativa. Fizemos uma leitura coletiva desta resposta, num dos cartões postais do Recife.*

A partir dos destaques (em *itálico*), podemos observar um funcionamento que transfere a autoria/responsabilidade da resposta a Frota, uma vez que nos primeiros períodos da legenda a posição de sujeito oracional é preenchida pelo sintagma nominal Fabrício Carpinejar. Ao nomear o autor do texto, o DP tira de si a responsabilidade pelos sentidos postos em circulação na resposta dada. Nesse movimento, a posição do autor que deveria ser ocupada institucionalmente é feita por um indivíduo nomeado pelo enunciador do discurso jornalístico. A esse respeito podemos assinalar que:

O sujeito enunciador do discurso jornalístico produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta a imagem de observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma formular juízos de valor, formular opiniões (MARIANI, 1996, p. 66).

Na legenda, o efeito de neutralidade é reforçado pela oração “Fizemos uma leitura coletiva desta resposta”. Pode-se observar que ocorre a elisão do sujeito oracional, nesta ausência marca-se tensão na tomada de posição do DP, que coloca em circulação uma resposta a Frota, mas o faz de forma não marcada. A leitura coletiva a que se refere o texto na legenda é, na verdade, todo um esforço de roteirização, produção e edição do vídeo, feito por profissionais associados ao DP. Entretanto, em consonância com o funcionamento acima descrito, desloca-se esta posição de autoria, porém agora para a *coletividade*, o que faz produzir a evidência de que ali não está a opinião de uma instituição privada, mas do *povo*.

Voltando-nos para os modos de textualização que constituem a plataforma Facebook, podemos observar as particularidades que possibilitam a inscrição do sujeito na rede: do lado direito da tela o sujeito-navegador é interpelado a interagir através de *curtidas*, que assinalam uma forma de *leitura* mais direta do leitor com a publicação; os *compartilhamentos*, que divulgam a publicação entre os amigos/seguidores do perfil do sujeito-navegador, bem como adiciona a publicação ao seu Feed de notícias e os



*comentários* – espaço marcado pelo predomínio da expressão escrita no qual tem-se uma maior abertura para expressar impressões, opiniões e juízos de valor sobre o conteúdo da publicação. Entrementes, estas formas de inscrição do sujeito na rede, e as que delas derivam (como os comentários que respondem a outros comentários, ou as reações mais diversas como o *deslike* (👎), o *love* (❤️), citando apenas alguns dos recursos do Facebook), estão situadas no conjunto de possibilidades enunciativas que configuram uma espécie de gramática da plataforma, através da qual se demanda algo que pode/deve ser dito (PÊCHEUX, 2014) dentro de um conjunto de *como pode ser dito*. Em suma,

Ao se inscrever por meio de curtidas, de comentários e de compartilhamentos, o sujeito-internauta pode se identificar ou se desidentificar com a materialidade discursivizada naquele espaço digital. Os gestos de curtir, comentar, compartilhar podem permitir ao usuário da/em rede aderir ou não aos discursos que ali circulam. (GALLI, 2020, p. 108).

Prosseguindo com nosso percurso analítico, retomamos a seção de comentários da publicação supracitada como o espaço de (re)produção dos dizeres dos sujeitos-navegadores, no qual foi possível observar tomadas de posição para com a fala de Frota. Assim, constituímos um *corpus* formado por sequências discursivas (doravante SD) que deixam emergir a forma como o político, as condições de produção e o imaginário, via memória, trabalham no deslizamento dos sentidos. No escopo da AD, é na tensão entre os processos parafrásticos e polissêmicos que os sentidos se constituem (ORLANDI, 2015, p. 34). Os processos parafrásticos são aqueles em que “há a perpetuação do já-dito, da memória, é um retorno ao local de onde já se falou”. Por polissêmico, tomamos a ruptura e os deslocamentos, “os deslizos e equívocos que levam os sentidos para locais distintos dos já visitados”. Foi no batimento entre esses dois movimentos da linguagem que constituímos nosso *corpus*, destacando, do emaranhado de comentários, réplicas e tréplicas que se costuram em rede, aquilo que em termos linguísticos se repete (na constituição de famílias parafrásticas) em torno dos mesmos sentidos e aquilo que no interior da repetição desloca-se, produzido à deriva (ORLANDI, 2015).

Como destaca Indursky (2005), trabalhar a noção de *Formação Discursiva (FD)*, impõe a observação das regularidades que determinam os limites da regionalização do





saber no *interdiscurso*. Acatando esta lição, em nossos gestos de leitura observamos que, no nível da formulação, há uma *repetição* do mesmo sintagma nos comentários: “só podia ser de Pernambuco”. A expressão utilizada por Frota rasga os limites de uma FD e passa a reestruturar as relações em outra FD, uma vez que “as palavras, expressões proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, recebendo seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas” (PÊCHEUX, 2014a, p. 147). Assim, observando a historicidade dos sentidos sedimentados no interior dessa FD, o modo como a memória discursiva recorta do interdiscurso certos sentidos e não outros e a estabilização de dizeres e saberes que constroem, num regime de repetibilidade (COURTINE, 2014), o imaginário sobre ser pernambucano, investimos, na FD da *Pernambucanidade*, a partir da observação do processo de determinação sintático-semântico que incide sobre a locução anterior. Dessa forma, pensamos, para efeito de análise, na seguinte relação:

“*Só podia ser de Pernambuco + X*”.

Na qual, X representa, no fio do discurso, a emergência de uma determinada *posição-sujeito* que se filia a uma região de saber da FD da *Pernambucanidade*. Nessa esteira de reflexão, os movimentos analíticos que seguem, procuram ao mesmo tempo descrever e caracterizar estas *posições* no interior desta formação discursiva, ao passo que evidenciamos as *tomadas de posição*, a partir das modalidades de identificação, tal como proposto por Pêcheux (2014a). Observemos o primeiro grupo de SDs:

SD1: “Só podia ser de Pernambuco Ariano Suassuna”

SD2: “Só podia ser de Pernambuco Ariano Suassuna, José Pimentel, artesanato do mestre Vitalino”

SD3: “Só podia ser de Pernambuco não trocar meu oxente pelo ok de ninguém”.

Esse primeiro grupo de sequências aponta para uma memória relacionada ao escritor paraibano Ariano Suassuna e sua produção literária que está fortemente alicerçada na *Formação Ideológica do Sertão*. O autor foi o expoente do chamado Movimento Armorial, que tomou forma na cena artística pernambucana e posteriormente nacional na década de 1970. Nessa perspectiva, podemos demarcar uma região da *FD da Pernambucanidade* sendo afetada por discursos que resgatam mitos, costumes, falares e dizeres da perspectiva do próprio Nordeste, centrado em si mesmo,





suficiente em si mesmo. Nestes comentários, pela repetição na materialidade linguística, vemos funcionar a *identificação* do sujeito-navegador com os dizeres que se enlaçam na materialidade do vídeo publicado pelo Diário de Pernambuco. A identificação consiste no “recobrimento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal” (PÊCHEUX, 2014, p. 199), num trabalho de repetição dos dizeres e imagens já sedimentadas sobre a enunciação do sujeito. “Só podia ser de Pernambuco Ariano Suassuna” retoma as representações do sertanejo, da fé católica de herança europeia, das gravuras e da poesia de cordel, sendo também um projeto político, uma ideologia armorial, com dizeres próprios a partir daquela conjuntura que se constrói com base nos privilégios gozados pela intelectualidade recifense que recusa e marginaliza outras formas de expressão artísticas que não àquelas voltadas para a construção de uma expressão erudita que se apoia no imaginário popular nordestino. Prosseguimos com outro grupo de SDs,

SD4: "Só podia ser de Pernambuco a maior avenida em linha reta da América Latina."

SD5: "Só podia ser de Pernambuco um dos pontos turísticos mais lindos do Brasil, o Arquipélago de Fernando de Noronha."

SD6: "Só podia ser de Pernambuco, Olinda com o histórico Homem da Meia Noite."

SD7: "Só podia ser de Pernambuco essa gastronomia tão diversificada".

Procuramos evidenciar na construção deste grupo de SDs, sentidos sobre o turismo e a gastronomia que retomam dizeres do projeto<sup>12</sup> de *Pernambucanidade*, que ganhou forma e investimento estatal entre a década de 1970 e 1980. Tal projeto consistiu na reconstrução de uma autoestima patriota local, implementada para mover a economia que estava esfacelada pelo caos administrativo nacional decorrente do regime militar. Neste momento, faz-se romper o imaginário que colava Nordeste/Pernambuco como sinônimos.

Conforme Silva (2012), a construção de uma consciência de pernambucanidade em detrimento à nordestinidade se dá justamente pela efervescência de discursos no entorno da identidade pernambucana como estratégia político-econômica de Estado para a saída da recessão nas décadas do regime militar. Assim, por decisões de governo,

<sup>12</sup> Uma discussão sobre a conjuntura política e econômica que circunscreve esse projeto pode ser encontrada em Silva (2012).



várias ações são tomadas em prol deste objetivo: a gravação e reprodução do hino de Pernambuco por artistas de diversos gêneros musicais (como Alceu Valença, Santana, dentre outros); o largo investimento em propagandas ressaltando o turismo no litoral e o tombamento da cidade de Olinda como patrimônio imaterial da humanidade concedido pelo UNESCO em 1984; o financiamento dentre outras obras da coleção Pernambucanidade (divulgada em três volumes) escrita por Nilo Pereira (1909-1992). Do ponto de vista da AD, podemos interpretar que há um movimento de estabilização que mantém a identificação do sujeito-navegador muito próximo dos efeitos descritos anteriormente, esta manutenção funciona pela *metonímia* que, mesmo dizendo com outras palavras, não desloca o sentido, não produz rompimento com a Forma-Sujeito.

Esta relação, aponta para as condições de produção que se alicerçam no âmago da burgo-aristocracia recifense, tanto do Projeto Armorial, quanto do Projeto de Pernambucanidade de 70. Pensar estas aproximações nos faz refletir sobre a determinação econômica que regula a prática social, e sobre os interesses que permitem o reconhecimento de uma “vontade de memória das elites da época e das classes dirigentes” (SILVA, 2012, p.82) que traçam estratégias simbólicas para atingir a cristalização da memória de uma sociedade e o arraigamento de um imaginário coletivo. Propomos mais dois grupos de SDs, agora mobilizados a partir da relação com política [e o político]:

SD4: “Só podia ser de Pernambuco Paulo Câmara eleito de novo”.

SD5: “Só podia ser de Pernambuco um jornaleco que sobrevive dos impostos do povo de Pernambuco e a serviço de Paulo Câmara”.

SD6: “Só podia ser de Pernambuco pra votar tão errado na vida. Parabéns Frota”.

SD7: “Só podia ser de Pernambuco você que votou no Paulo Câmara”.

A eleição para Governador no estado de Pernambuco foi marcada pela disputa entre o atual governador e representante de uma tradição partidária consecutiva em três mandatos, Paulo Câmara (PSB) e Armando Monteiro (PTB), deputado federal e empresário, reflexo da consagração entre as esferas empresarial e econômica que domina as relações entre Estado e sociedade no país. Dessa perspectiva, a eleição pode ser caracterizada por um embate entre dois velhos “lobos” conhecidos dos eleitores, de um lado os interessados na mudança de poder e do outro os insatisfeitos, porém



desconfiados eleitores que levaram à vitória o candidato do PSB. “Só podia ser de Pernambuco”, nas SD, retoma a memória do enunciado “Nordestino não sabe votar”, que em outras condições de produção circulou após a reeleição da Presidenta Dilma Rousseff em 2014 e de Jair Bolsonaro em 2018. Dessa forma, nas SD acima destacadas intervêm enquanto condição de produção do discurso o período pós-eleitoral, sentidos sobre a vitória e a derrota, manutenção e mudança, a entrada de um novo (representante da velha política). Segue mais um grupo de SD:

SD8: "Só podia ser de Pernambuco o melhor presidente da história do Brasil, Lula."

SD9: "Só podia ser de podia ser de Pernambuco o melhor presidente da história do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva!"

SD10: "Só podia ser de Pernambuco o maior e melhor presidente da história do Brasil, Lula!"

SD11: "O melhor presidente da história do Brasil, Lula! #LULALIVRE se tivesse esse trecho o DP publicaria?"

SD12: "O melhor presidente de todos os tempos, Luiz Inácio Lula da Silva".

Nessas SD, bem como nas demais já discutidas, podemos compreender que mesmo em rede os sujeitos mobilizam uma memória discursiva ancorada em processos discursivos de outras ordens, inscrevendo-se num jogo de interpretações historicamente (pré)determinadas. Nesse grupo de SDs, a memória se ancora na figura emblemática do ex-presidente, e não só na sua figura, mas numa espécie de saudosismo frente ao cenário que se vivia na época: “Só podia ser de Pernambuco Lula” traduz a lembrança de uma época em que os nordestinos foram (menos) esquecidos pelo poder público, das obras de transposição do Rio São Francisco e do Porto de Suape. Fios de memória sedimentados (não sem esquecimentos) a uma narrativa oficial(izada) pela própria posição do ex-presidente. As formações imaginárias, apontam para uma imagem de Lula como herói, figura paternal, do homem que sai do Agreste Pernambucano para o ABC Paulista em busca de uma vida melhor e acaba por se envolver na luta sindicalista e, posteriormente, se torna presidente do país. Os atravessamos discursivos que constituem esta família parafrástica, nos permitem assinalar o atravessamento da FD da Pernambucanidade por efeitos de sentido que lhes são exteriores, saberes que circulam numa outra formação discursiva, que podemos chamar de FD lulista. Essa relação, como já colocava Pêcheux (2014a), não é pensada de modo linear, em que os sentidos



de uma FD são domesticados por outra, numa passagem homogênea e ser inserida na FD da resistência em oposição a formação discursiva bolsonsonarista.

As SD 5 e 11 – **“Só podia ser de Pernambuco um jornaleco que sobrevive dos impostos do povo de Pernambuco e a serviço de Paulo Câmara”** e **“O melhor presidente da história do Brasil, Lula! #LULALIVRE se tivesse esse trecho o DP publicaria?”** – foram anteriormente consideradas como pertencentes a formações discursivas distintas, pois representam posições quase paradoxais. Aqui, a contradição típica do discurso, do próprio da língua e dos sujeitos converge numa posição que questiona o *Diário de Pernambuco* enquanto mídia tradicional filiada a um discurso hegemônico, haja vista que é o maior jornal em circulação no estado e o mais antigo da América Latina, participa da escrita oficial, lido em muitas vezes como fonte histórica. O questionamento feito nos comentários incide sobre a neutralidade da língua, da imprensa e do jornalismo, pois na SD9 o jornal é caracterizado como capataz do governo, a serviço de um candidato e financiado com o dinheiro público; e na SD11 se indaga o vídeo produzido pelo diário: caso houvesse aparecido a tag #lulalivre durante a gravação o jornal teria mantido a edição? O questionamento incide sobre o posicionamento político do Diário de Pernambuco no período pós-eleitoral.

Prosseguimos com outro grupo de SD:

SD13: "Só podia ser de Pernambuco Mc Troinha, Michelle Melo e as Gêmeas Lacração."

SD14: "Só podia ser de Pernambuco a Boate Metrôpole".

Ao dispor tais sequências como um par, percorremos um gesto de análise que permite o aflorar de sentidos errantes, disjuntos, mas que reorganizam os saberes da formação discursiva da pernambucanidade. Nesse caso, o efeito polissêmico leva o discurso a outras fronteiras de sentido. A SD17 retoma no eixo da formulação figuras do Brega Pernambucano, gênero musical que tem sua origem nas periferias dos centros urbanos e que mesmo após diversas exportações e diversificação, continua sendo estereotipado. Esse sentido, filiado ao brega e a sua representatividade, faz mover a identificação do sujeito, embora contrária ainda à xenofobia enunciada por Frota, o faz de outra posição, da posição de quem consome ou vivência as influências de tal gênero musical, de quem é interpelado pela pernambucanidade de outra forma. Já na SD18,



determinando a filiação histórica do sentido de pernambucanidade, está o sintagma Boate Metrôpole que designa um conhecido clube noturno de Recife, frequentado majoritariamente pela comunidade LGBTQIA+. Mais uma vez, o sentido conduz para um lugar outro, marginalizado por sua referência: a Metrôpole e toda extensão da Rua das Ninfas, no Bairro da Boa Vista, é frequentada por gays, lésbicas, pessoas trans e travestis, não binários etc.; o sujeito da FD da pernambucanidade, esfacelado é atravessado pela FD LGBTQIA+, que tem na representação da casa noturna e dos seus arredores um lugar seguro.

Dessa posição, os saberes da FD são mais uma vez reorganizados e a memória discursiva retoma as lutas, avanços e conquistas que o movimento tem travado no estado. E com esse aspecto, se expõe também a natureza (sempre) contraditória de uma formação discursiva, pois da mesma FD que se enuncia retomando sentidos da ideologia armorial (atravessados pelo imaginário do Cabra Macho, da terra de homem de verdade, onde predomina um forte estereótipo sobre a masculinidade), se enuncia também da posição de LGBTQIA+ ou de frequentador desses espaços, abrindo brechas para o diferente, para o não aceito.

Por fim, expomos o último grupo de sequências:

SD15: "Só podia ser de Pernambuco essa vontade de lutar e conquistar sua liberdade e gritar sou leão do norte."

SD16: "Só podia ser de podia ser de Pernambuco o grito que ecoa forte e vibra até as nuvens: somos resistência."

S17: "Só podia ser de Pernambuco o patrono da educação, Paulo Freire"

SD18: "Só podia ser de Pernambuco a escola mais antiga em funcionamento na América Latina, Ginásio Pernambucano Aurora. Pernambuco é Resistência".

A organização deste último bloco de sequências busca evidenciar um gesto de leitura sobre os funcionamentos discursivos que retomam, na formulação, sentidos que estão na direção de uma memória sobre a resistência. As SD 15 e 16 (re)significam a pernambucanidade pela história da(s) resistência(s) que atravessam o imaginário sobre ser pernambucano. Conforme Indursky (2011, p.8), o livro didático e as aulas de história, literatura, "funcionam como lugares de memória que reverberam pela repetição



o memorável<sup>13</sup> para um determinado grupo social”. É pela história dos movimentos de insurreição, pela luta daqueles interpelados pela revolução, pelo inconformismo que o amplo território [geográfico] que tem hoje suas fronteiras demarcadas pelo estado de Pernambuco, que se contam formas discursivas de resistência: Insurreição Pernambucana (1645-1654), Conjuração de “Nosso Pai” (1666), Guerra dos Mascates (1710-1711), Conspiração dos Suassunas (1801), Revolução Pernambucana (1817), Confederação do Equador (1824), Revolução Praieira (1848-1850). Movimentos sociais que resvalam memórias sobre a resistência pernambucana ao domínio colonial.

Nas mesmas SDs, é latente o ponto em que o linguístico metaforiza uma voz, ao “grito” que corporifica na formulação uma presença (i)material desta resistência. O grito pode ser entoado como Hino, como denúncia, como forma de protesto. E aqui pode ser interpretado com duas canções que permeiam o imaginário (ora pela repetição, ora pela institucionalização): o hino de Pernambuco, em seu refrão: “*Salve! Ó terra dos altos coqueiros! De belezas soberbo estendal! Nova Roma de bravos guerreiros/ Pernambuco, imortal! Imortal!*”, e a canção de Lenine: “*Eu sou mameluco, sou de Casa Forte/ Sou de Pernambuco, eu sou o Leão do Norte*”.

Ainda conforme Indursky (2011), os discursos que atravessam essas materialidades constituintes de lugares de memória (no nosso caso, o livro didático, a aula, a obra de Nilo Pereira, a hino do estado e a canção) se organizam em redes de saberes – redes de memórias por assim dizer – que “garantem a repetibilidade destes saberes, sustentando, dessa forma, as redes de memória que sustentam o memorável” (INDURSKY, 2011, p.18).

Ainda tratando da resistência, nas SD17 e SD18 ela se configura engendrada em outras práticas, com outros dizeres, que fazem por onde deslocar os processos de identificação sujeito-sentido na *FD da pernambucanidade*. A resistência está atrelada à educação e à figura de Paulo Freire como símbolo maior de uma luta por liberdade, por justiça social e direito ao conhecimento. Na SD17, é retomada a luta do professor

---

<sup>13</sup> Para Indursky (2011, p. 18), o memorável refere-se “ao que todos sabem e todos lembram” e a memória discursiva tem natureza na ordem do ideológico. Podemos interpretar tal afirmação de modo que o memorável diz respeito ao trabalho da memória discursiva na inscrição de um determinado saber no *status* de evidência, e isso se dá pelo viés da repetição.



pernambucano contra os desmandos do capital e de um projeto de educação neoliberal que não visa emancipar os sujeitos, mas do contrário funciona em prol da manutenção das desigualdades de oportunidade, emprego e escolarização. A memória da pedagogia freireana traz para o bojo da FD o embate entre as posições de opressor e oprimido, entre os explorados e exploradores e a questão da humanização. Questões nas quais a formação dos sujeitos é colocada como matriz de um modelo de educação comprometido com a transformação social. “Só podia ser de Pernambuco o patrono da educação, Paulo Freire” não só desloca a estereotipia da enunciação de Frota como convoca à significação a defesa dos ideais freireanos, postos em cheque à revelia de um projeto de educação que sacrifica a formação docente e fragiliza a escola enquanto espaço plurissignificativo e de formação humana.

Na SD18, no eixo do intradiscurso, os sentidos funcionam pela educação, mas significando de outra forma, pela memória do Ginásio Pernambucano, escola mais antiga em funcionamento no país. É pela ausência de um ponto ou uma vírgula que a língua se desdobra, pois, na perspectiva discursiva, a pontuação é pensada na relação entre a falta e o excesso, dos sentidos e do sujeito, materializada na incompletude deste em detrimento da amplitude daqueles (ORLANDI, 2012). A vírgula marca a segmentação do discurso na espessura textual, abrindo espaço para “formas de subjetivação em des-ligamento” (PÊCHEUX, 1981 *apud* ORLANDI, 2012), realçando no fio do discurso a frágil relação entre as formas de dizer e “a posição-sujeito que é invadida por outras regiões de sentido possíveis” (ORLANDI, 2012, p. 122). Dessa forma, “Aurora” modifica o restante da proposição e a resistência se faz pela simbologia do prédio que se ergue em colunas vermelhas e imponentes às margens do rio Capibaribe. Se a esperança nasce na Aurora, como diziam os cartazes daquele 15 de Maio de 2019, em que estudantes e professores tomaram a rua para protestar contra cortes onerosos à educação superior, é na/pela educação que se constroem trincheiras contra a estereotipia.

### **Considerações finais**





Iniciamos o último bloco do presente texto antecipando ao leitor que processos discursivos ora descritos como efeito das análises empreendidas desembocaram em outras frentes de pesquisa<sup>14</sup>. Essas questões, da estereotipia à resistência, não podem ser silenciadas, do contrário, demandam sempre um retorno, outros esforços teóricos e analíticos. Nos próximos parágrafos, buscamos reunir, em efeito de conclusão, as proposições teóricas e analíticas que foram elaboradas no incessante trabalho com as materialidades em análise, dando relevo, em especial, aos pontos que foram retrabalhados a partir do confronto com as redes de memória e a historicidade das discursividades, nos fazendo avançar em nossos objetivos de pesquisa.

Inicialmente, visando a descrição dos deslizamentos de sentido do enunciado “só podia ser de Pernambuco”, formulamos a hipótese de que os movimentos de identificação e a inscrição dos sujeitos em FD distintas. Nossa compreensão, sustentada no que diz Pêcheux (2014a) sobre o sentido de uma palavra, expressão ou proposição não pode ser tomado como inerente, mas sim como efeito das posições de quem as emprega numa determinada posição social, ou seja, da posição enunciada primeiramente, nosso enunciado estava embebido de estereotipia e xenofobia, do ódio ao diferente (e ao que pensa de modo diferente, contrário), de maneira a discursivizar o pernambucano de forma pejorativa. Ainda sob a tutela de Pêcheux (2015), compreendemos que todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, de se deslocar discursivamente de seu sentido; assim, “só podia ser de Pernambuco”, na constituição de famílias parafrásticas e polissêmicas deriva para outros lugares. Nosso grande avanço com relação a este ponto está no entendimento de que tais pontos de deriva podem ser localizados no interior de uma mesma FD e não em formações distintas, uma vez que, como postula Courtine (2014, p. 245), a FD é heterogênea, porosa e contraditória em si mesma, como “dois (ou mais) discursos num só”. Por essas vias, os limites de uma FD são instáveis e movediços, de maneira que uma FD<sub>x</sub> se configura não por linhas fiéis e verossímeis do seu interior e exterior; Mas sim, pela coexistência com uma FD<sub>y</sub>, com a

---

<sup>14</sup> Pesquisa de Iniciação Científica” Pernambucanidades em (dis)curso: (re)significações na web e na cidade, realizada de Julho de 2020 a Agosto de 2021, com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (NEPLEV) do Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



qual suas fronteiras se entrecruzam na disputa pelos sentidos na luta ideológica. Foi à luz deste entendimento que buscamos evidenciar nas análises o carácter fundamentalmente heterogêneo da *FD da pernambucanidade*, passando pela ideologia armorial de Ariano Suassuna, as posições contrárias e favoráveis à reeleição de Paulo Câmara para o governo do estado e à prisão do ex-presidente Lula, os sentidos sobre o turismo e a gastronomia (re)tomados pelo projeto de incentivo econômico do governo de Maciel Melo, do Brega Pernambucano e da Boate Metrópole, a história das resistências e a resistência na/pela educação.

Uma das principais noções balizadas durante a presente investigação foi a de memória discursiva. Entretanto, há um desafio em pensar o funcionamento da memória em espaços informatizados, e nessa linha de reflexão, a compreensão do discurso digital como condição de formulação, circulação e interpretação dos sentidos. As análises nos permitem afirmar, com base nos postulados teóricos da AD, que o funcionamento da memória discursiva está relacionado ao interdiscurso e a linearização no plano da formulação, dos saberes historicizados na relação à FD que o domina. A memória digital (DIAS, 2018), por sua vez, diz respeito a uma relação contraditória e (des)subordinada entre a memória discursiva e a estrutura dos algoritmos<sup>15</sup>. A partir de um dado conhecimento discursivo, os sentidos (ir)rompem na ordem da rede e se colocam em funcionamento numa relação com os saberes historicizados de uma formação discursiva. Em nossa compreensão, o funcionamento da memória digital se dá na inscrição dos sentidos sobre a pernambucanidade nas diversas redes sociais: desde o tuíte-enunciado de Frota às famílias parafrásticas nos comentários da publicação do Diário de Pernambuco no Facebook. Por essas vias, é possível considerar que o imaginário sobre ser pernambucano atua fortemente como condição de produção/enunciação desses dizeres apontando para a ordem ideológica constitutiva das práticas discursivas.

Por fim, analisar a emergência (ou não) de discursos de resistência se impôs como uma tarefa de muita complexidade, pois de certa forma era preciso evidenciar,

---

<sup>15</sup> Orlandi (2013) distingue a memória discursiva (interdiscurso, constituída pelo esquecimento), a memória metálica (das máquinas e algoritmos) e memória de arquivo (institucional, que se retroalimenta na/da transparência da informação).



tanto na constituição do *corpus* e na interpretação de sua espessura material, as formas de resistência do sujeito do discurso. A partir dos nossos gestos de análise e sob a tutela do postulado teórico-revolucionário da Análise de Discurso de que não há dominação sem resistência (PÊCHEUX, 2014b, p. 277): “não há ritual sem falha, falta e rachadura”. A partir das palavras de Pêcheux e dos movimentos de sentido interpretados nessa abordagem, conclui-se que frente a estereotipia corporificada no tuíte-enunciado “só podia ser de Pernambuco”, sujeitos-navegadores [sujeitos de linguagem, interpelados pela Ideologia e atravessados pelo inconsciente] se inscreve na rede eletrônica e (re)produz sentidos recortados *FD da pernambucanidade*, dessa forma produz resistência. Sendo uma palavra por outra a brecha na qual essa resistência produz efeitos, o sujeito-navegador ao tomar o enunciado “só podia ser de Pernambuco + (re)engatilha a maquinaria dos sentidos para outra direção, ressignificando o mesmo pelas diferentes formas de ser afetado pelo discurso”. É nesse ensejo que um enunciado não se realiza apenas como unidade figurativa da linguagem; do contrário, é sempre na/pela língua, nas diferentes e inúmeras possibilidades de dizer de outro modo que o sujeito da pernambucanidade resiste à estereotipia.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4. ed. rev. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- ALVES, E. P. M. *O sertão nordestino como um monopólio de sentido*. Revista Observatório Cultural Itaú, v. 25, p. 67-87, 2019.
- BOBBIO, N. *Dicionário de política*. Trad. Carmen C, Varriale et al.; 4. ed. rev. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- DIAS, C. *e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano*. In: DIAS, Cristiane. *E-urbano*, 2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- \_\_\_\_\_. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Christina de Campos Velho Birck et al. São Carlos: EDUFSCAR, 2014.
- FREYRE, G., *Manifesto regionalista*. 7 ed. Recife: FUNDAJ/Ed. Massangana, p.47-75. 1996.
- GALLI, F. C. S. Efeitos de sentido sobre arte. In: ALMEIDA, J. F.; DARÓZ, E. P.; RUIZ, M. A. A.. (Org.). *Sujeito, Língua, Sentido: caminhos em discurso*. Araraquara: Letraria, 2020. p. 105-114.
- GALLO, S. L. Sobre a materialidade Digital. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F.; SOBRINHO, H. (Org.). *Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital*. Campinas: Ponte Editores, 2019. p. 185-200.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- INDURSKY, F.. *Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?*. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: mapeando conceitos, confrontando limites, 2005, Porto Alegre. *O campo da Análise do Discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; LEANDRO-FERREIRA, M. C. (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.



MARIANI, B. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1996.

ORLANDI, E. P. *Terra à Vista – Discursos do confronto: velho e novo mundo*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Discurso e Texto: formulação e circulação de sentidos* 4 ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 12 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

\_\_\_\_\_. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. 3 ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 4 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

\_\_\_\_\_. *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. 7 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

SILVA, L. P. *“De Guararapes veio tudo”: Representações da “pernambucanidade” nos discursos de políticos pernambucanos (1979-1986)*. 2012. 142 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2012

ZOPPI-FONTANA, M. *Lugares de enunciação e discurso*. LEITURA - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, v. 23, p. 15-24, jan./jun, 1999.